

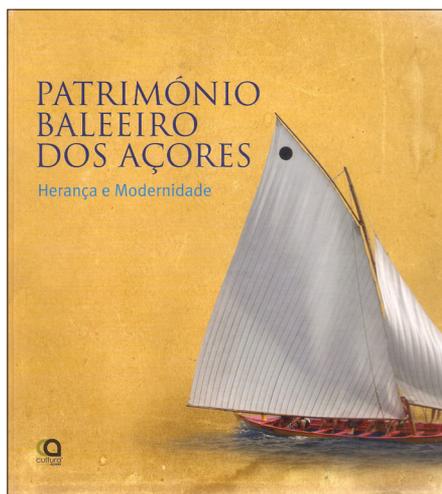
(2011) AA.VV., *PATRIMÓNIO DOS AÇORES. HERANÇA E MODERNIDADE*.
S. L., DIRECÇÃO REGIONAL DA CULTURA.

Susana Goulart Costa – Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores.

A primeira referência açoriana sobre a baleia está registada nas históricas *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, que relata que São Miguel apareceu, em 1580, um grande peixe já morto que os pescadores “cuidando ser baleia” puxaram até terra com cordas¹. Todavia, só a partir de meados do século XVIII é que a actividade da baleação assume maior relevância, particularmente registada desde 1765, quando começam a chegar ao mar dos Açores as baleeiras da Nova Inglaterra, que vão sendo mais frequentes ao longo do século XIX². Neste primeiro período, a caça à baleia parece beneficiar diversas ilhas. Em 1811, por exemplo, 50% dos navios que fazem escala na pequena ilha das Flores para refresco são americanos e têm como objectivo único a caça à baleia³. Aliás, o historiador oitocentista Francisco Ferreira Drumond lamenta a indolência dos açorianos, que deixam que a pesca do cachalote fique sob o domínio dos

norte-americanos, quando podiam desenvolver esta actividade em proveito próprio⁴.

Na verdade, é só na segunda metade do século XIX (precisamente no ambiente das crises de produção de vinho e de laranja) que os Açores começam a despertar para a pesca do cachalote, no modelo de *shore whaling*⁵, uma vez que, devido à profundidade do mar que envolve as ilhas, estas funcionavam como navios



¹ FRUTUOSO, III: 252.

² *Arquivo dos Açores*, VI: 8-9

³ GOMES, 1997: 537.

⁴ DRUMOND, 1990: 138.

⁵ Que se opõe à *offshore whaling*.

dos quais se lançavam os pequenos botes para a pesca de cetáceos⁶. Neste contexto, os Açores tornam-se um importante centro de recrutamento de tripulações para a pesca à baleia, como bem refere Herman Melville no seu *Moby Dick*. Como comandantes ou auxiliares da faina, muitos rapazes embarcavam nesta vida, repleta de desafios e aventuras, como retrata Raul Brandão n' *As Ilhas Desconhecidas*.

Ao longo da segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, o sucesso da captura dos cachalotes abundantes nos mares açorianos foi crescente. No quadro regional, destacou-se o dinamismo baleeiro do Pico, que se disseminou por muitas das localidades desta ilha, não só na vertente da pesca, mas igualmente no desenvolvimento de actividades industriais afins que foram surgindo: os estaleiros, na freguesia de Santo Amaro; as fábricas de óleo e farinha, nas zonas do Cais e Lajes do Pico; e ainda a manufactura de objectos de osso e marfim, fundamentalmente alimentada pelo labor de vários particulares, generalizada com o nome de *scrimshaw*.

Por imposições ambientais e num contexto de protecção dos cetáceos, a baleação açoriana terminou em 1987. Na década seguinte, as autoridades da

Região Autónoma dos Açores apresentam uma maior atenção à actividade baleeira. Do ponto de vista governamental, este olhar é formalizado pela publicação do Decreto Legislativo Regional n.º 13/98/A, de 4 de Agosto, que institucionaliza o Património Baleeiro, no qual se inclui: os imóveis e as infra-estruturas construídos ou adquiridos para a baleação; as maquinarias e equipamentos utilizados na indústria baleeira; as embarcações e respectiva palamenta; dentes, peças feitas em marfim e osso de cachalote de reconhecido valor artístico ou significado cultural e museológico; objectos de arte com representações de actividade baleeira; e ainda o acervo documental respeitante a toda esta actividade.

A defesa de todo este espólio materializou-se na elaboração do “Projecto Baleiaçor”, com vista a preservar, recuperar e divulgar o património Baleeiro Regional, através de várias iniciativas. São precisamente algumas destas iniciativas que se encontram registadas no livro *Património Baleeiro dos Açores. Herança e Modernidade*, editado em 2011, sob a responsabilidade da Presidência do Governo Regional dos Açores/Direcção Regional da Cultura.

Esta obra encontra-se dividida em quatro núcleos. O primeiro intitula-se *Recuperação do Património Baleeiro dos Açores* e regista, através de foto-

⁶ HERSLEY (2000): 3-4.

grafias, pormenores da construção de botes baleeiros, que apresentam características singulares quando comparados com os botes norte-americanos, por exemplo.

O segundo núcleo refere a *Digitalização de Documentação Baleeira da Ilha do Pico*, nomeadamente o espólio que se encontrava na posse das Delegações Marítimas das Lajes e de S. Roque do Pico. Não há dúvidas que os acervos documentais são fundamentais para os processos de conhecimento do passado e a sua comunicação, através de mecanismo atuais de preservação e divulgação da memória, são cruciais para a valorização patrimonial.

O terceiro núcleo do livro expõe, através de fotografias, as *Regatas de Botes Baleeiros Açorianos*, que nos últimos anos têm servido de cartaz turístico dos Açores, principalmente para as ilhas do triângulo.

Por fim, o último núcleo dedica-se a apresentar as comunicações que foram apresentadas no “Seminário Internacional Baleação, Memória e Identidade: uma perspectiva multicultural”, o qual foi realizado nos dias 24 e 25 de Julho de 2009, nas Lajes do Pico. O Seminário contou com seis conferências que têm o mérito de, no seu conjunto, permitirem um olhar diferenciado sobre o tema da baleação.

Fabiana Comerlato, do “Núcleo de Estudos Açorianos de Santa Cata-

rina”, Brasil, analisou a pesca à baleia No Brasil colonial, precisamente na área de forte herança açoriana, Santa Catarina. O seu texto permite comparar as infra-estruturas brasileiras com as açorianas, o que nos parece assaz interessante.

Luís Freitas, director do “Museu da Baleia” da Madeira, apresenta uma sinopse da pesca à baleia no arquipélago madeirense, profundamente ligadas à baleação açoriana, e história o Museu da Baleia, apresentando um quadro minucioso dos diversos equipamentos e propósitos dessa instituição cultural.

James Russell, Presidente do *New Bedford Whaling Museum*, nos EUA, retrata a profunda ligação entre os Açores e os EUA na epopeia baleeira. O seu contributo reforça os laços entre estes dois pontos, os quais são, aliás, expostos em discurso museológico permanente no referido Museu norte-americano, que abriu, em 2010, a *Azorean Whalers Gallery*. Nesta exposição permanente, pode-se observar, de forma minuciosa, a herança açoriana na baleação em New Bedford. Graça Filipe, do “Ecomuseu Municipal do Seixal”, reflete sobre a pertinente questão da arqueologia industrial como instrumento para a valorização do Património. Com base num estudo de caso, a autora aponta metodologias e resultados de um processo de inventário industrial, que se torna um precioso instrumento de trabalho.

Jan Erik Ringstad, do *Whaling Museum Sanddefjord*, da Noruega, partilha uma prática da baleação extremamente interessante, porque aborda a relevância da caça à baleia no Norte da Europa. Numa análise de cariz histórica, aborda a relevância da indústria baleeira em localidades diferentes, ao longo do século XIX e até a primeira metade do século XX.

Dionísio Pereira González, da “Federação Galega pela Cultura Marítima”, segue a mesma linha, sumariando a pesca à baleia e as actividades afectas em Galiza, relatando a forma como o estado espanhol se tem envolvido na salvaguarda deste Património.

José António Rodrigues Pereira, do “Museu da Marinha”, apresenta este Museu, fazendo particular menção ao espólio baleeiro existente no mesmo. Aqui, a destacar não a dimensão quantitativa da colecção, mas a mais-valia qualitativa pela apresentação, num Museu lisboeta, da actividade baleeira que tão cara é para a cultura marítima açoriana.

Por fim, Manuel Francisco da Costa Júnior, do Museu do Pico, encerra o ciclo das conferências, com uma abordagem sobre a baleação nos Açores. Como director do Museu da Baleia do Pico, Manuel Francisco da

Costa Júnior tem sido um agente de extrema relevância e mérito para a protecção da identidade da Baleação na ilha do Pico, mentor de múltiplas actividades que muito têm dignificado o Património Baleeiro dos Açores.

Na totalidade, a obra *Património Baleeiro dos Açores. Herança e Modernidade* apresenta diversos elementos constitutivos do que é o Património baleeiro nos Açores, englobando-a num mundo mais aberto. É certo que há aspectos que ficam por registar (sistema de vigias, estações e armazéns, armamento, técnicas de caça e industriais, devoções, papel das mulheres...). Mesmo nas abordagens apresentadas, seria interessante a existência de textos mais pormenorizados, inclusive para a contextualização das fotografias, considerando a boa qualidade das mesmas. Contudo, este livro tem o mérito de ser um marco que divulga o esforço que tem sido feito, através da Direcção Regional da Cultura e do Museu da Baleia do Pico, em prol da salvaguarda da memória baleeira. Afinal, o que resta da Cultura Baleeira é, precisamente, esta Memória. SUSANA GOULART COSTA